



PADRE ANTONIO VIEIRA

Fac-simile de um quadro existente na secretaria da Imprensa Nacional

Phot. de Camacho.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Francisco de Souza Gomes Velloso

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 255

Braga, 18 de Maio de 1918

Anno V

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidlocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aijubarrota, se residir no concelho de Alameda.

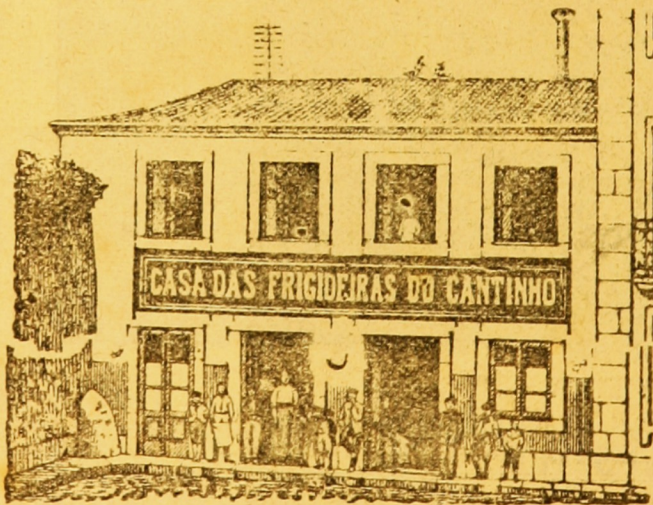
Os clérigos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concelho subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e mais acreditado n'este genero

José Agostinho

MEZ DE MARIA

Approvado e recommendado pelos Ex.ªs Rev.ªs
Snrs D. Antonio, Bispo do Porto; D. Antonio,
Patriarcha de Lisboa; D. Antonio, Bispo de Vi-
zeu; D. Manuel, Arcebispo Bispo da Guarda.

2.ª EDIÇÃO

1 bello volume de 380 paginas,
nitidamente impresso, 600 réis.

COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA
PORTO

Pedido aos depositarios geraes : *Livraria Magalhães & Moniz*, 11, Largo dos Loyos, 14. *Livraria Lopes & C.ª*, 123, Rua do Almada.

Peçam o nosso Catalogo d'Obras Religiosas.

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

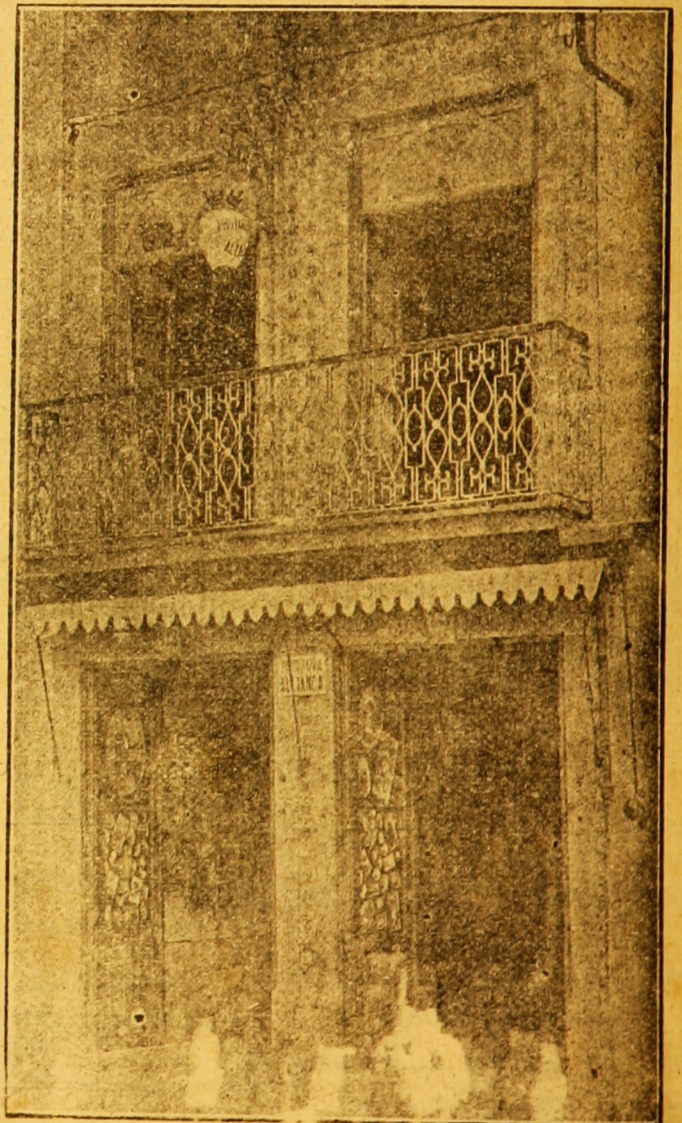
BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria.



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44, Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA

ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villola. Director, Dr. F. de Souza Gomes Valles

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 18 de Maio de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 255—Anno V



O HOMEM DA GORRA VERMELHA

Por certo são devesas aventuras os casos de aventura succedidos a este celebre quadro de Ticiano. Trazido d'Italia em 1805 por Mr. Methuen. Vendido á casa de Christie por 91 guineus em 1876. Em 1887 Sir Hugh Lane comprou-o por 2100 guineus. Vendido a Mr. Grenfell por 30:000 libras. Recentemente Sir Hugh Lane tornou a adquiril-o por 13:000 guineus.

Na encruzilhada



HA dias um amigo, apaixonado admirador do Bonaparte que agora de véras apoia Sidonio Paes, aproximou-se de mim e disse-me:

—Felicito-te com inveja: não me propuz nem me propuzeram deputado, mas tinha um interesse intellectual muito intenso em o ser.

—Interesse intellectual?! volvi eu.

—Sim... Vamos atravessar uma epoca porventura das mais curiosas, como experimentação politica, da nossa historia...

E desenvolveu depois largamente os fundamentos d'esta sua curiosidade intellectual. Segundo elle, tracta-se para os republicanos de saber se póde haver n'este paiz uma republica honesta, congraçadora, realisando a funcção governativa com pleno exito e satisfação das reclamações populares, e tracta-se por outro lado de verificar se o paiz, dada a hypothese d'uma fallencia d'esta tentativa, e constatada já a absoluta necessidade de impedir um retorno radicaleiro e demagogico, tem a capacidade reagente para corrigir o largo desvio operado na conducta da sua vida e retomar a marcha interceptada pela invasão liberal de 34.

Entendo que o meu amigo poz bem o problema e se em minha mão estivera, ceder-lhe-hia de boa vontade a cadeira que me marcaram na casa de espectaculos, contentando-me com um recanto nos degraus das galerias.

Sidonio Paes foi ha dias proclamado presidente da republica. O povo de Lisboa, garante-mo em carta um jornalista que sabe observar, acclamou-o. Eu creio ter prescurtado a rasão fundamental d'essas acclamações da multidão, que não são méro resultado de um vicio inveterado de acclamar o primeiro borrabotas que subiu victorioso sobre os máis concorrentes sem escrupulos, abordoado ao cajado da audacia solérte dos *meneurs* afortunados. Não. Ao cabo de sete annos de balburdia, aqui como na Hespanha e na França d'outros tempos, uma clareira se abriu na mente popular e uma instante e apellativa *sympathia* pela força essencial á Ordem veio occupá-la. Essa força, sabem-nos todos, é o exercito, é a tropa, cuja consciencia despertada por um brio de victoria, vá de dizer-se, parece ter-se por sua vez, dobrado sobre si mesma, fazendo um exame do crime de *apathia* vergonhosa em que hibernou o seu character, e convencendo-se affirm da missão irrevogavel que lhe cabe. Esta convicção traduziu-se ha poucos dias no garbo do desfile na parada militar da Avenida que soergueu o povo n'um orgulho n'um lampejo n'um applauso unido, vibrante e caloroso! E vendo na mais alta magistratura da nação um militar, com qualidades de mando, de energia, que ha dezenas de annos elle não vira exornando os reis manequins que o constitucionalismo amoldou á sua imagem e semelhança, elle é levado a suppôr que a vida publica vae entrar nos gonzos, que a ordem, mantida d'alto a baixo, n'um gesto acutilante, energico de espadas, encontrou finalmente uma garantia e uma representação condigna, efficaz.

Perante tudo isto, perante o desejo fremente de vêr reposta em todas as partes da coisa publica, não já a grandeza, mas a ordem, o povo secundarizou, em massa o problema do regimen. Queria

liberdade. Deu-lh'a Sidonio Paes e os seus bravos: o povo acclamou-o. Faz com mão de ferro umas eleições livres, em plena atmospheria de ameaças, garante a ordem. O povo acclamou-o. Paz interior—eis o programma. Dê-lhe Sidonio Paes a certeza de ter pão á meza quotidiana, e peça-lh'a em troca a dictadura, que o povo dar-lh'a-ha de olhos fechados, comtanto que uma rasoira niveladora, em nome da egualdade, achate de encontro aos balcões, essa aristocracia de fornecedores *nouveaux riches* e açambarcadores vorazes, que o democratismo deitou, como os curandeiros deitam bichas, ás bolsas do povo Soberano depois de o fazer sovar pelos seus bandos.

Este estado de espirito colectivo é caracteristico de todas as epochas de transição, d'uma tyrannia barulhenta e anarchica para um regimen de perfeita legalidade assegurada. Pode acontecer que esta não se atinja, que tudo vólva a uma desordem, outra vez, embora menos assolavancada, e mais limpa, mas em todo o caso a uma desordem. Todavia, o estagio de um mantenedor da ordem no poder, logo apoz ás tyrannias, é dos livros, e o povo, que nunca olha ao dia d'amanhã, tal como os individuos em apuros que em primeiro logar anceiam por achar-se livres d'elles, contenta-se com isso, sem mais nada.

Quando o dominador sabe vencêr-se a si mesmo, é prespicaz, é homem de largas vistas sobre o plaino do futuro, comprehende a lógica que preside a toda a serie de acontecimentos uma vez iniciada, — é esse estagio para as nações a epoca mais feliz, a despeito de todos os esforços dos descontentes e exasperados entre os quaes se estabelece ao mesmo tempo uma conveniencia e uma concurrencia de ambições. Então nada de parlamentos, nada de eleições nem de consultas. Todo o poder concentrado, e todo o cuidado no cicatrizar das chagas publicas, no amparo do abotoar d'essa impressão de renovamento, d'essa doçura de reviver que todos sentem. A nação dividida profundamente é impellida a aceitar a grande arbitragem do *homme qui a venu* para os seus differendos, do homem que chegou para governar.

Elle não faz eleições, não acogumêla parlamento á sua ilhárqa. Funda em redor de si conselhos de technicos para os diversos ramos da administração publica que estudam os problemas, escutam as vozes que reclamam, e os resolvem. N'esses conselhos não ha politicos, ha competencias a que o chefe supremo empresta a mão forte que impõe e executa. Então as roldagens do Estado comecam de funcionar regularmente e o relógio da nacionalidade que accorda, deixa de ser como aquelles das velhas torres ou dos paços fidalgos a morrer, que batem as horas com uma lentidão de quem parece já não crêr no tempo nem nas primavéras que florescem...

... E agora pode vêr o leitor por este náco de psychologia politica que achando-nos n'um periodo de transição, tanto podemos ir dar a porto e salvamento (ó velhos marinheiros da minha terra, direi lá para cima como os barcos se salvam nas tormentas!) ou a pantana, que é pertissimo.

F. V.

Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Em viagem.

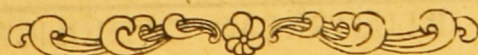
HA dias, caminho do Porto, dizia-me o incomparavel Dr. . . . um bello espirito d'annotador dentro de quarenta annos de clinica e d'experiencia: Eu não medico doenças, medico doentes; é preciso attender sobretudo aos symptomas que a enfermidade apresenta, dada a resistencia ou fraqueza do enfermo. Emquanto o comboio arquejava celere, na veiga larga de Gavião eu pensava, repensava, que se d'aquella verdade, se possuíssem todos os doutos ministradores de drogas, quantos e quantos homensinhos de Deus se salvariam da cura. O comboio parou e logo entraram dois endomingados, pacificos, viajantes, muito palradores, que mal acomodados nos logares recommçaram o ameno cavaquear. Discutiam uma recente reforma de ensino, que viera pôr em desordem completa a instrucção elementar. Pelo calor com que discutiam deduzi logo que estava ouvindo dois mestres de meninos, nada famelicos como os pintam nas comedias, mas gordotes, engravados, de boa saude e bom ar. A reforma copiada d'uma lei ingleza não servia para nós. Podia ser optima nas brumas do norte mas trasladada para o azul era a balburdia a confusão. Voltou-me então nitida á memoria a justa observação do Dr. . . . e logo conclui que os legisladores, deveriam como os medicos, attender mais aos doentes do que ás doenças. Seria a segura maneira de pôr em ordem uma burocracia complicada de leis, que lhe não ajustam, um professorado naufragando n'um oceano de decretos inuteis e o mais das vezes prejudiciaes. É que desgraçadamente, os nossos legisladores como os nossos medicos, vão na corrente do figurino e d'ahi talharem a esmo, leis e drogas, sem attenção do estomago do pobre que as tem d'ingerir, do dorso servil do escravo paciente, que as tem de supportar. O nosso mal estar excluidas rasões d'ordem politica está precisamente na abundancia das leis. O nosso politico não tem aprendizagem, não tem preparação. Matriculado n'um partido cuida mais zelosamente d'arrumar na bagagem, amisades, pro-

messas, dependencias, que propriamente os conhecimentos necessarios para o desempenho cabal do logar que ambiciona. É d'ahi, guindado pelo favoritismo á gerencia d'uma pasta vã de legislar á tóa, sobre tudo e sobre todos ajustando-se mais ao figurino estrangeiro do que ás necessidades e exigencias da nação. Legisla-se de côr. O Terreiro do Paço olha o paiz pelo Terreiro do Peço; vê-o por si proprio, nas suas reclamações e nos seus desejos, e só a si attende, só para si legisla afinal. Assim é desgraçadamente em todos os ramos, em todos os aspectos, desde as leis de fomento agricola aos preceitos d'ensino escolar. Olha-se a nação pela mesma craveira e para o lado ficam as caracteristicas especiaes de cada região o aspecto intimo de cada problema.

Agora mesmo, com o pretensio presidencialismo se vae commetter o mesmo erro que se commetteu, e bem funesto, com o constitucionalismo vintista, com o parlamentarismo anarchico de 910.

Com a mesma inconsciencia, com a mesma ignorancia se vae talhar o estatuto fundamental d'uma nação, attendendo sómente aos fructos que deu no estrangeiro sem curar saber se a semente germinará no solo nacional. Mas quem pensa nos interesses supremos d'uma nação quando se põe em fôco os interesses minimos do Terreiro do Paço?! O que é preciso é legislar, o que é necessario é produzir, que os ministros já agora avaliam-se pela somma de trapalhadas que originam com a balburdia confusa das suas leis. E assim vamos definhando no tremendo cahos em que vivemos e viveremos se a nação inteira não abre os olhos e grita alto, aos ouvidos indifferentes dos dominadores.

O povo pede pão e respondem-lhe com um decreto. . . Que elle não responda no mesmo theor porque as leis do povo são menos complexas mas são mais efficazes positivamente. O meu Dr. . . . é que tinha caradas de rasão. Mas ca fia clamar no deserto. . . Medicos e politicos são da mesma espécie: afinal uns pedem leis, outros pedem drogas e dá tudo certo e em droga no fim.



SERÕES AMENOS

XXXV

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

Conselhos de um tio no seculo XVIII



CONTINUAM os conselhos de um tio a seu sobrinho, que era o título do serão passado:

7.—Não seja a mulher meina, nem velha, porque uma não é mulher e a outra acabou de o ser; não humilde nem fidalga, porque a vileza não promete melhora e a fidalguia inculca desprezos; e com viuva em nenhum caso, ainda que nella concorra dote e idade...

Supprimimos aqui algumas considerações, por improprias da revista, e para abreviar iremos respigando nos outros conselhos, ainda sobre casamento:

9.—A ser por amores, ou ser por dote, o successo approva a eleição; que em cada qual pode haver desconto: no amor, faltando o dote e no dote, faltando a affeição, mas tratae vós da fazenda, que a virtude do matrimonio tratará do amor, não vos fiando de promessas, e muito menos de escripturas, que as dicta a consciencia. Seja a escriptura a entrega, e a promessa recibo; porque se então repararem, mal pagariam depois; e é chamar pelos barqueiros a tempo que vos possam acudir.

10.—Se tiverdes filhos nunca os criéis fora da cidade; que se oppõe á natureza a força da criação, e são diamantes brutos que só com a companhia da gente urbana podem ser bem polidos...

Hoje, as nossas cidades, em pontos de polidez são o ideal para quem quizer aprender calão e obscenidades. Até nos clubs, nos cafés, nas praças, deante de sehoras e creanças triumpho o torpe.

O nosso moralista aconselha depois que, a dar-lhe estado, seja o de frade, porque têm o sustento garantido «sem o herdarem, nem ganharem» a este remoque pode retorquir-se que era falso; tão pouco garantido estava, que lhes roubaram tudo os leigos que nas desordens religiosas fazem voto de ganhar o sustento roubando o dos frades e... o nosso. Deixamos matar de fome os últimos frades, roubados por gente, que tendo devorado o recheio monástico, nos foi roubando a nós.

Não quer o tio que o sobrinho faça os filhos clérigos «porque não chega a todos a ventura de conegos»! Isso foi tempo! Dos prégadores diz:

16.—Se ecclesiastico, e chegardes a Prégador, duas cousas estadae: primeiro as accões que haveis de fazer e as palavras que haveis de calar, porque vejo muitos que primeiro que lancem a primeira são faes os momos, as carrancas, os concertos ou desconcertos e as visagens que fazem, que quando chegam a benzer-se se podem os ouvintes benzer d'elles...

17.—Se vos inclinardes ás armas não andareis bem, porque é eleição para fidalgos ou desamparados...

19.—Se por desamparado fordes Medico: alegre para os doentes, sisudo para os de casa... Nem inculqueis boticarios, que é tomar sobre vós o damno de sua ignorancia ou malicia...

20.—Para três castas de gente vos armae de paciencia, a saber: para os que se elevam saindo do pó da terra, não tendo de gente mais que o *spiraculum vitae*... e para os que não chegando a escudeiros se fazem fidalgos, e para os que sendo a mesma paz morrem por valentes.

21.—Se falardes nas Majestades seja com respeito; nos fidalgos, com advertencia; nos Ministros, com lisonjas, pelo primeiro ser obrigação o segundo conveniencia: o terceiro necessidade...

23.—O jogar não passe de desenfado, nem a porfia da razão; porque o jogo não ha de ser officio, mas entretenimento, nem a porfia teima, senão resposta.

24.—Não jureis nunca, que é desconfiai de nós mesmo...

25.—Se tiverdes demandas e não vos for possível atrahir muitas ventades, tratae só do escrivão; porque tem tanta força a fé que, quando boa, salva a alma, e, quando má, conserva o corpo; não digo que todos a dão má, mas sei que poucos a dão boa, e nem a diligencia do advogado, nem a affeição do juiz, nem as temeridades das testemunhas, vos hão de dar a sentença, senão a cor, o geito, a queda, o tempo, o favor do Escrivão.

26.—Não vos fieis de criados, nem lhe sejais devedor, porque poucos são honrados e todos inimigos.

27.—Não presumais fóra do que mereceis, que sereis inimigo de vós mesmo desenterrando aos Avós e descobrindo com a presumpção o que nelles encobriu o tempo. Contentae-vos com o ser de homem e de honrado...

28.—Na cortezia o primeiro sempre; que é mercancia adquirir os animos com o dispendio de um chapéu.

29.—Tende credito com os mercadores e não lho deis ao que disserem, não porque não fallem verdade mas pelo seu cabedal ser a mentira.

31.—Não façais versos ainda que tenhaes cabedal ou talento:... se louvais, avassalais-vos, se reprehendeis malquistais-vos; se são maus, são vossos; se são bons, furtados... Fica melhor entendê-los que compô-los.

32.—Sêde agradecido, que é degenerar de nobre o ser ingrato

33.—Em tudo servi a El-Rei, mas não em officio de contas; que he fazer-vos reo antes que delinquais... Nenhunas contas são boas senão as por que rezaes... Receber por addições e entregar por sommas ainda não gastando, é difficiloso; tem o dinheiro a traça do Diabo, que facilita o caminho e faz esquecer o fim...

34.—Fazei o que poderdes por não ser tutor, por mais abonado que o orphão seja; que vi muitos fazer diligencia pelos instrumentos de sua perdição...

36.—O ser fiador não é para desejar... mas não fiqueis (fiador) por mais de metade do que tiverdes e possuireis...

37.—Não deis o que houverdes mistér, que a liberalidade hade ser do que sobra... Dar o proprio para pedir o alheio, tirar a vergonha e pô-la em mim, não agrada a Deus—e talvez para comprar um ingrato!

38.—Se visitardes doentes, não seja ao cair, nem depois de levantado... Sêde alegre na pratica... é muito bom lambedor a lisonja da melhora.

40.—Com os pobres muito affavel, que são soldados pagos da conquista do ceu e vós depositario do que pedem... preferindo os cegos sempre os aleijados, depois então os velhos...

42.—Nunca digaes tanto bem de uma pessoa, que vos não fique lugar para dizer mal d'ella quando o merecer; que os homens só Deus os conhece e a occasião os mostra; nem vos fieis dos que vos parecem bons, que ha muitos que o são porque não podem ser maus; nem de homen que falla como mulher, nem de mulher que fala como homem...

43.—Não vos fieis de homem que sempre ri, nem de mulher que sempre chora; porque um perverte a natureza e a outra engana com ella.

44.—Reverenciai aos clérigos, porque são ministros de Christo e será em vós ignorancia o esquecimento do seu estado.

45.—Não façais jactancia de servir a Deus, porque vos chamarão hypocrita; nem sejais descuidado em ser catholico; porque um é inculcar-vos santo e o outro, esquecer-vos de quem vos criou; e assim melhor será modestamente agradar do que excessivamente dar que roer ao mundo.

46.—Se tiverdes filhas... (depois de novas observações sobre romarias, beatas, mulheres de suspeita, frades etc. aconselha) que será melhor em chegando á idade ou metê-las freiras, se poderdes quando não, casá-las, porque é fazenda que logo lhe dá a traça.

Com mais uns conselhos sobre impedir casamentos, inculcar creados, etc. acaba o codigo moral de que aproveitamos o mais interessante.

De fóra postas as ferroadas no clero regular e irregular—que era desde a Renascença objecto de satyras e objurgatorias muitas vezes injustas — os conselhos do tio ao sobrinho visam a formar um homem de bem, acutelado e firme no caminho da vida eterna. Vamos agora ver no proximo serão o *Regimento do janota* de nossos dias, reduzido a artigos por mão de mestre... Vamos vingar os frades, as freiras e os conegos!...

FACTOS

Comissão de Senhoras organizadoras da festa do «Grupo Arnaldo Lamas», na sua excursão a Vianna do Castello.

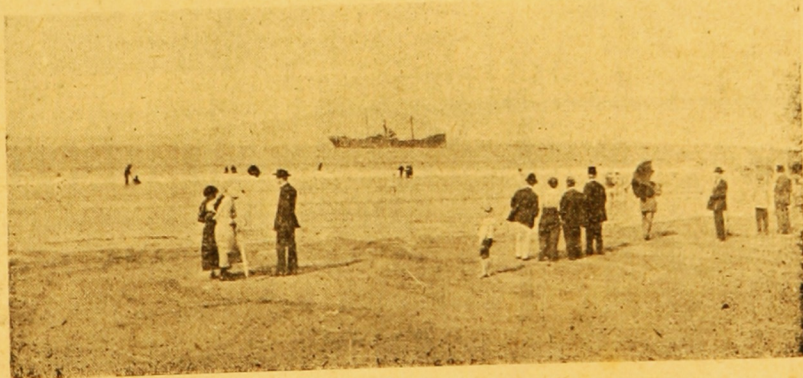
Da esquerda para a direita: Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Maria Amelia Pacheco, Augusta Craveiro, Elisa de Vasconcellos e Maria Adelaide Ferreira.



Alunos da Universidade do Porto que tomaram parte na referida excursão.

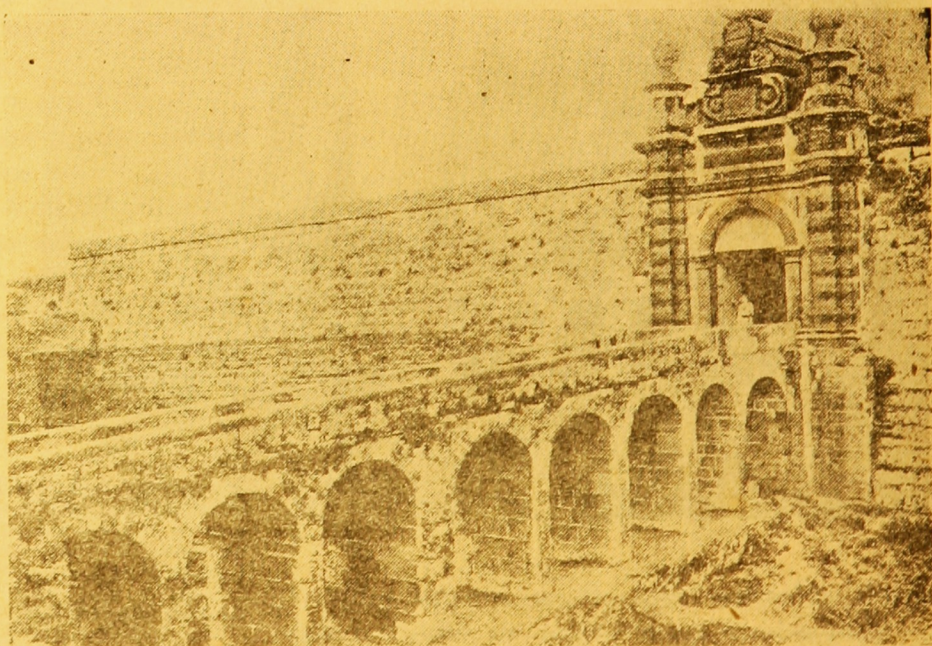
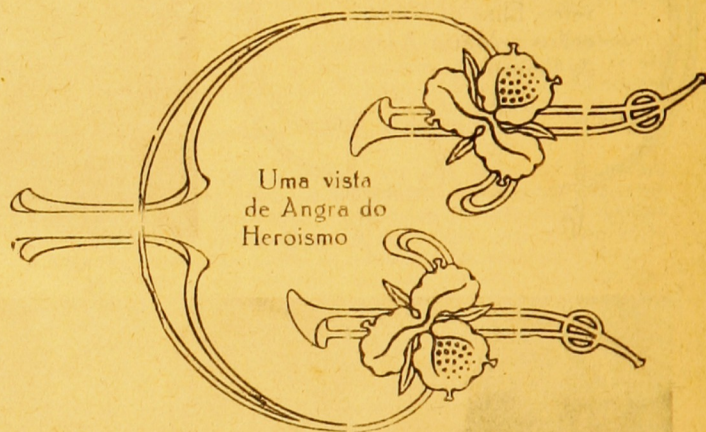
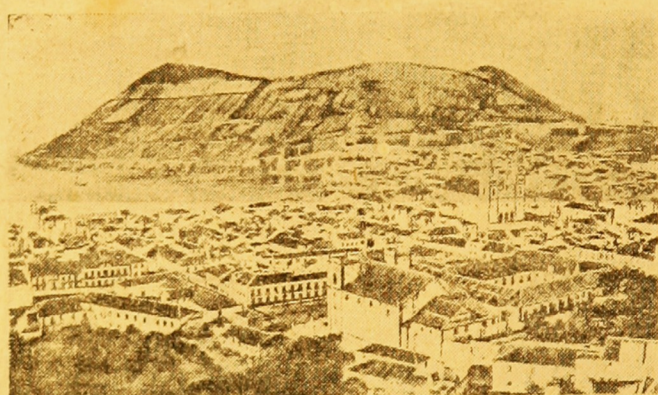
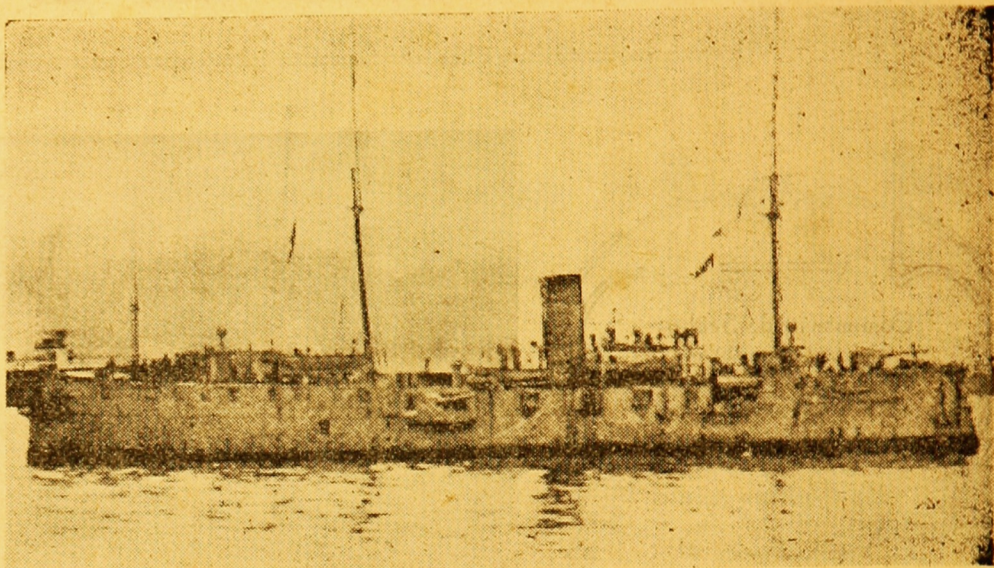
Sentados: Abilio Pissarra e Adelio Silva.
De pé: João de Freitas, Eduardo Valença Ferreira e Jasmin Menezes.

Uma vista da praia de Vianna do Castello.



O cruzador S. Gabriel

No dia 28 do mez pasado, este vaso de guerra portuguez, travou combate com um submarino a noroeste da ilha da Madeira, a distancia de 12 milhas da mesma ilha. Crê-se que o submarino foi afundado.



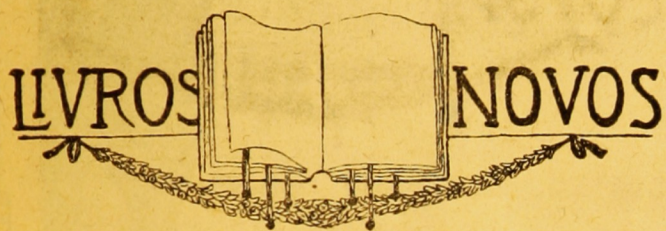
AO LEITOR

Depois de lido enviar este jornal á *Junta Patriótica do Norte* (Paços do Concelho — Porto) a fim de esta o mandar para os nossos soldados do «front».



A Illustração Catholica querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes, mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africa vem por este meio rogar aos seus Ex.^{mos} assignantes, collaboradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias destes herois as suas fotografias para aqui serem publicadas n'uma pagina a isso só destinada.

Restituem-se as fotografias apoz a sua publicação.



Pequeno Thesouro Espiritual

O nosso querido amigo e apreciado escriptor Avelino Teixeira de Andrade, acaba de publicar um pequeno volume com o titulo — *Pequeno Thesouro Espiritual* — diversas orações religiosas, a quem auctoridade ecclesiastica competente deu a sua approvação.

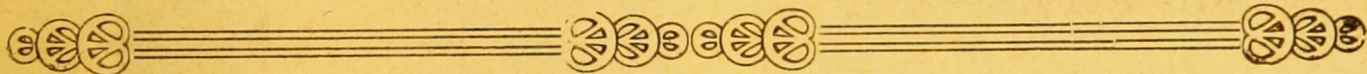
Agradecemos a oferta.

Mario da Cunha Motta

HORTICULTOR

Recebemos o Catalogo Geral desta acreditada casa portuense, que penhorados agradecemos.

Na colecção de plantas de estufa, plantas de ar livre, em summa em todas as colecções encontramos as mais raras, as mais bellas e as mais aromaticas flores.



DR. ELIAS D'AGUIAR

regente do orpheon academico de Coimbra que no dia 4 e 5 d'este mez se fez ouvir no Coliseu dos Recreios em Lisboa, e d'alli se dirigiu a Evora e Faro, onde se fez tambem ouvir em festas de caridade.

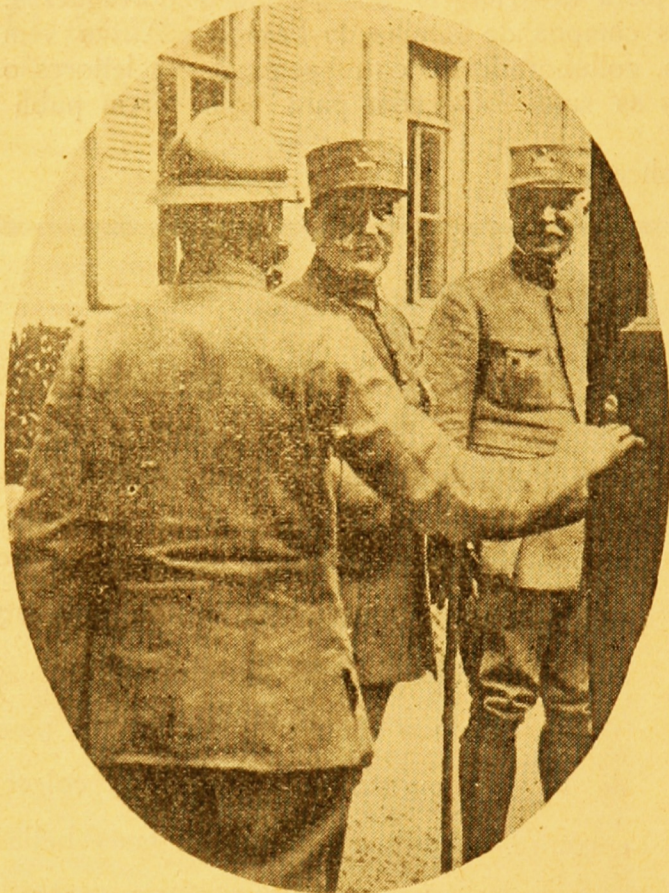
As creanças



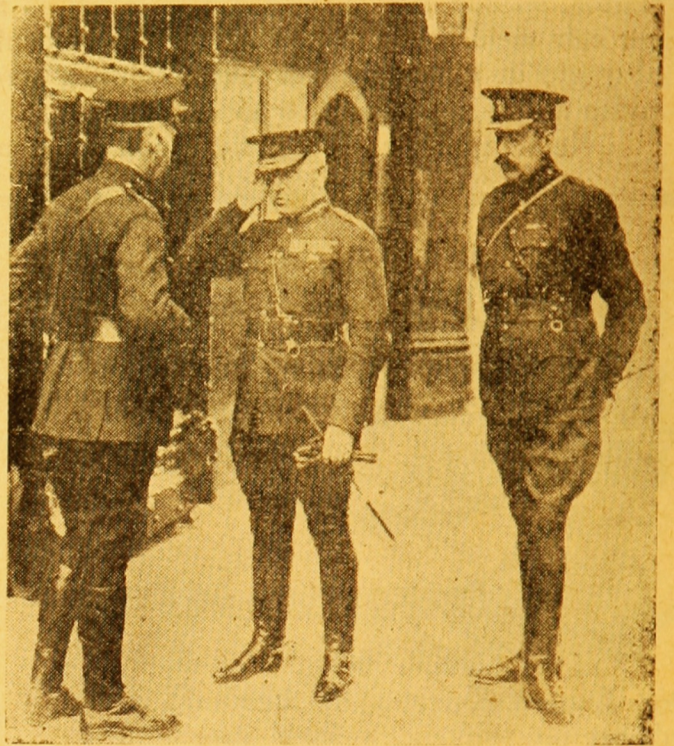
— E' preciso acabares com essa maçada de estares sempre a fazer perguntas ao papá. Não vês que elle se aborrece com isso?

— Não, mamã. O que o aborrece não são as perguntas : são as respostas que elle me não sabe dar !...

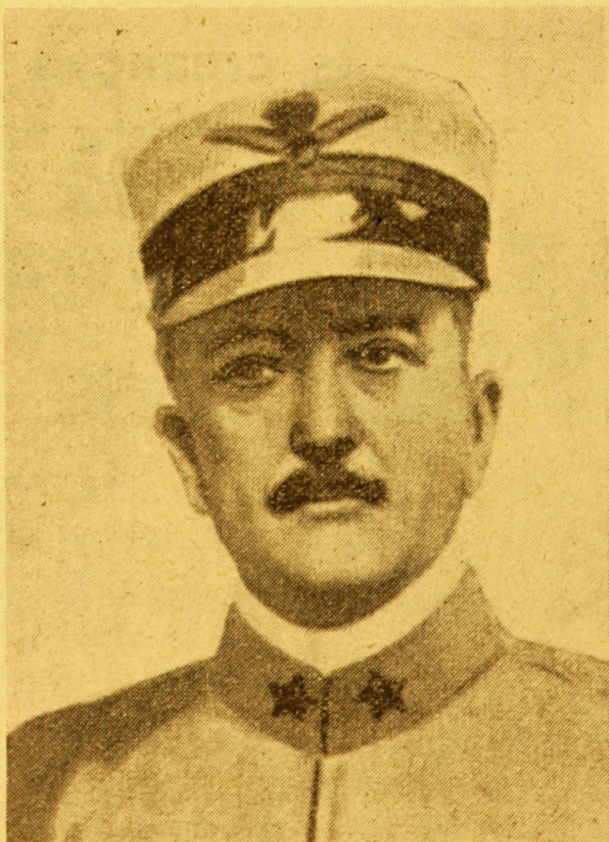
A GRANDE GUERRA



O general Foch comandante em chefe das tropas aliadas na França saindo do quartel general



O Marechal French recentemente nomeado logar tenente de Jorge V



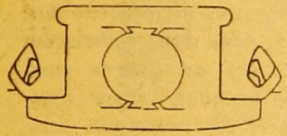
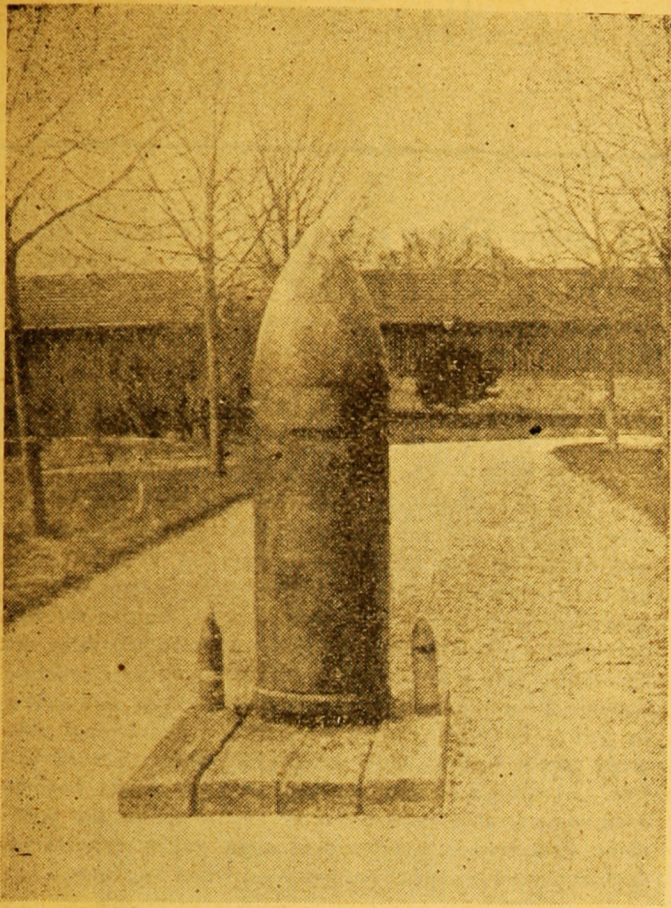
O general Diaz comandante dos exercitos italianos



General Wilson Robertson comandante das forças metropolitanas inglesas



General alemão Mackensen que segundo consta comandará a nova ofensiva dos centraes



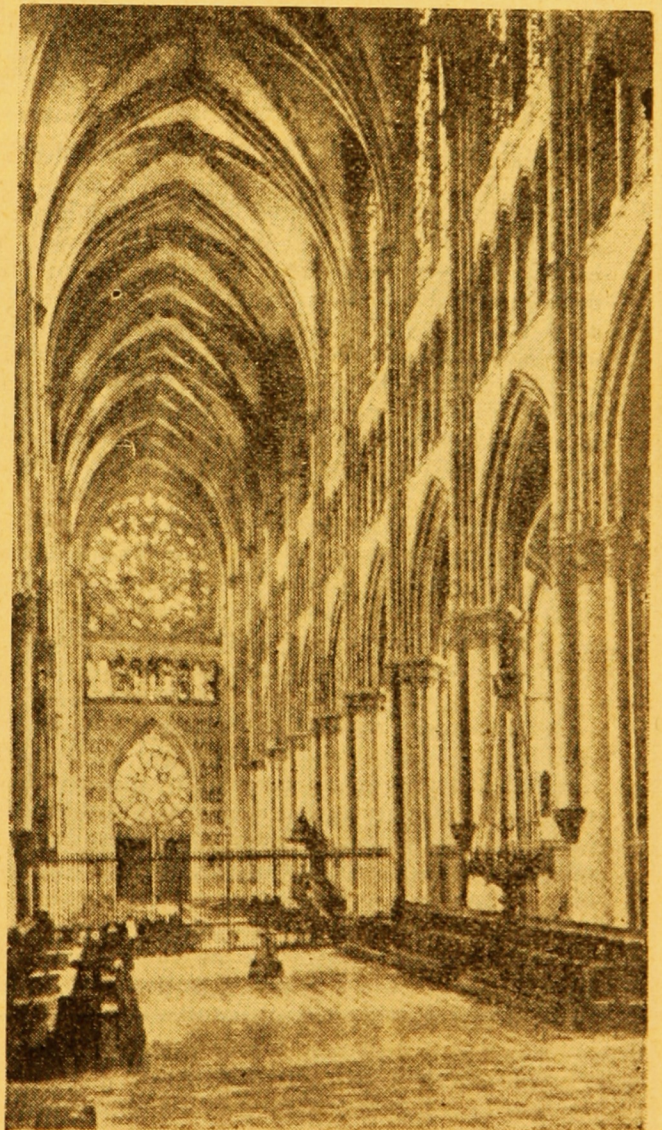
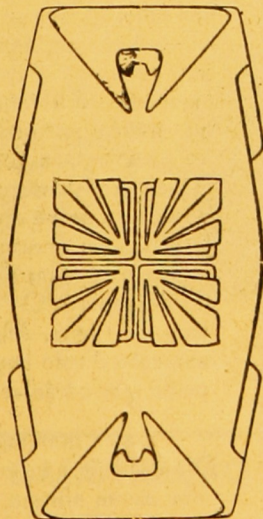
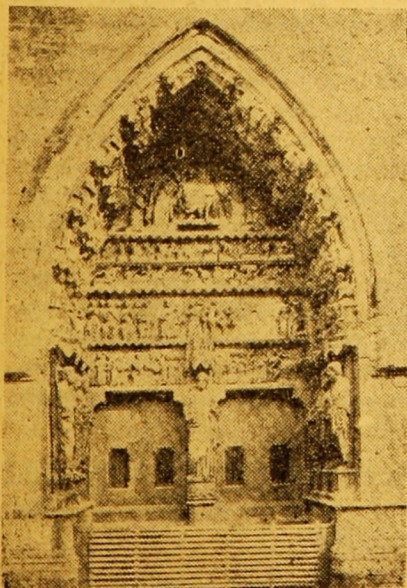
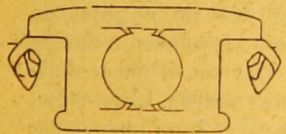
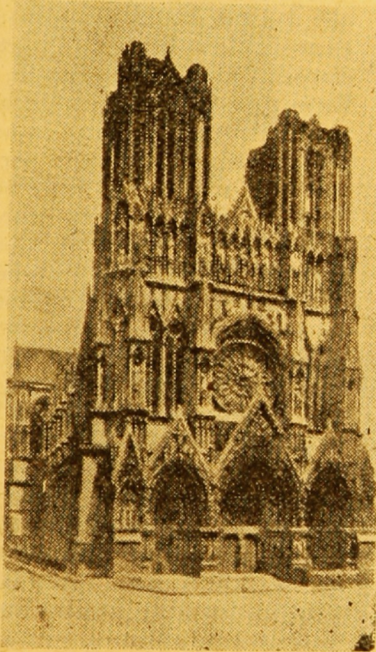
1.—O obuz do 420 que bombarbeia Paris.

2.—O imperador Guilherme da Alemanha.

3.—A cathedral de Reims que foi totalmente arrasada.

4.—O que foi a artistica porta do Juizo Final.

5.—O interior da cathedra de Reims.



As ruínas de Angkor

A arte khmer

POR EDUARDO DE NORONHA.

SENHOR, perto do sitio onde começa a terra firme, ha ruínas de uma cidade, grandes palacios que dormem. Podes andar oito dias á sombra das grandes arvores que encontras sempre palacios.

Assim se exprimia o guia do naturalista francez Mouhot, que nas margens do vasto lago Tonlé-Sap, no Camboge, colhia plantas e animaes. O proprio lago apresenta um caracter extranho e inconcebivel. Ha annos navegava se durante dias e dias por meio de uma floresta inundada, e das arvores, das mangueiras forcidas e escuras, dos «hiaus» de folhas mais claras, pendiam em vez de fructos conchas. De ora em quando o barco parava, mas o remo mergulhado para o desenrascar não encontrava fundo, nada: a quilha da embarcação empoleirã-se apenas n'um ramo, como uma ave, a dez metros acima do nivel do solo. As aguas roiam o chão, cheiravam a lama, a herva sêcca, ao tanino das cascas mace radadas, a podridão e a vida. Até os peixes que lá se pescavam eram seres que não deviam existir ali. Eram linguados, solhas, que só se encontram no mar: abundavam no entanto no meio dessas ondas sem sal; e mesmo divisava-se no seu corpo enlameado grandes jactos de vapor ou de poeira liquida que, quaes monstros marinhos, e jaculavam aos repuxes.

Mais longe apparecia um immenso plaino coberto de herva. Quasi que se cedia á tentação de passar a perna por cima da borda do escaler e ir passear por ahi, se os remadores indigenas, magros, ageis, negros, de cabelo duro que cresce eriçado, não segurasse no braço do imprudente para o deter. Essa herva não se ligava ao fundo, fluctuava sobre um enredado esponjoso de uma especie de turfa, massa movediça e molle que se fendia ao passar. Um tal espectáculo, e tão vasto, apresenta alguma coisa de incompleto, de funebre. Afigura-se que voltamos ás primeiras edades do mundo, quando não havia ainda homens na terra.

O naturalista Mouhot não acreditou o seu guia. Pensava que as ruínas em que falava eram simples massas de pedra, vulgares no valle de Mekong, e que, de longe se assemelham a fortalezas e a vivendas desmornadas. Um dia, no entanto, os indigenas conduzem o naturalista até o logar tantas vezes citado por elles.

Não acredita no que vê.

Uma ponte, com um quarto de legua de comprimento, atravessa um lago immenso coberto de iódãos. Os dragões de pedra que guardam a entrada rolam por cima do capim; mas as balaustradas monstruosas que o olam, feitas do corpo de marmore de uma serpente com multiplas cabeças humanas, coroadas tambem de serpentes, mantem-se no seu logar; e ao cabo d'esta arteria majestosa, ergue-se um palacio gigantesco com a floresta ao fundo.

E' o Angkor-Vat.

Tres ordens de galerias e sete cupulas cônicas. A ultima lança a sua parte superior tão alto que quasi topea com as nuvens. Tanques do tamanho de lagos; portas triumphaes esculpidas com ornatos harmoniosos e puros; em mais de um milhar de passos, baixos relevos que correm á sombra de porticos e figuram a gloria do heroe de Rama e dos seus aliados chimpanzês; aposentos sem numero de janellas gradeadas com balaústres de pedra. Toda esta massa sublime de pedra azul cinzenta recebe ha seculos o assalto das vegetações silvestres. Do alto da escadaria abrupta e terrivel que conduz á cúpula suprema, parece que se vê, do fundo do horizonte, correrem as arvores e as suas vagas esbarrar e desfazerem-se de encontro a estas arribas sublimes.

E como o mar lança espuma até as eminencias que não pode escalar, a floresta acaba por alcandorar no alto das muralhas fracos enormes, com dois metros de espessura, que baixam as raizes sobre as pedras com cincoenta pés de comprimento. Nos tanques cresce uma herva gigantesca, que abriga milhares de pequenas serpentes verdes, e ao cahir da noite logo que se penetra nas abobadas constituídas por arcos de granito agrupados em socalco uns sobre outros á maneira das abobadas mycenias, inumeros morcegos nos batem na cabeça com as suas azas frias. Como ha seculos os seus excrementos se accumulam nas lages, enchem o ar d'um fétido simultaneamente repugnante e almiscarado... De ora em quando os poucos bonzos que vivem nas choças de palha, junto d'essa vivenda sobrehumana, não ousando habitá-la, vão buscar oquelle adubo e levam-n'o para os seus jardins. Eis a que estava, n'esse periodo, reduzido Angkor-Vat, a uma mina de... guano.

Ao norte estende-se uma verdadeira cidade, cercada pela muralha de um recinto formidavel, de quinze kilometros de extensão, de cincoenta pés de largura, de ogivas esculpturadas, encerrando ainda outros palacios e outros templos; Angkor-Thom, Bay-on, Pimeneakas-diversos amphitheatros para as festas sacras. Caminham, se horas e horas por meio de ruínas e topa se sempre com outras cada vez mais longe. Em Bay on, por exemplo, a natureza vence. Laceram as paredes, lança raizes nas galerias que se assemelham a columnas torneadas, arremessa com liames ás torres altissimas como se fossem cabos para as demolir. Por baixo d'este pedestal gigantesco a batalha dura ainda. Os torreões fazem o que podem para resistir, tanto mais semelhantes a luctadores solemnnes quanto são terminadas por cabeças humanas monstruosas aos quaes o adelgacamento conico da cúpula serve de chapéo. Estas caras de Brahma, entalhadas em enormes blocos, massiços, imberbes, placidos, apresentam no meio da confusão medonha um ar de desespero. Os cipós, trepando pelas suas faces, cavam-lhe rugas. Afigura-se-nos que choram o desmornamento d'este imperio, o fim d'esta civilização. Parecem pedir que os salvem.

Estes monumentos são obras primas da arte indu. Não valem mais os de Java nem os da India. Pelo menos assim afirma Pierre Mille.



Palestra de arte

IV

Uma excursão artistica a Santiago de Compostella.

PARA vêr as grandes basilicas, e poder receber todas as sensações que produz na alma a contemplação dos edificios que são verdadeiramente grandiosos, é preciso visitá-los mais de uma vez, a interval-



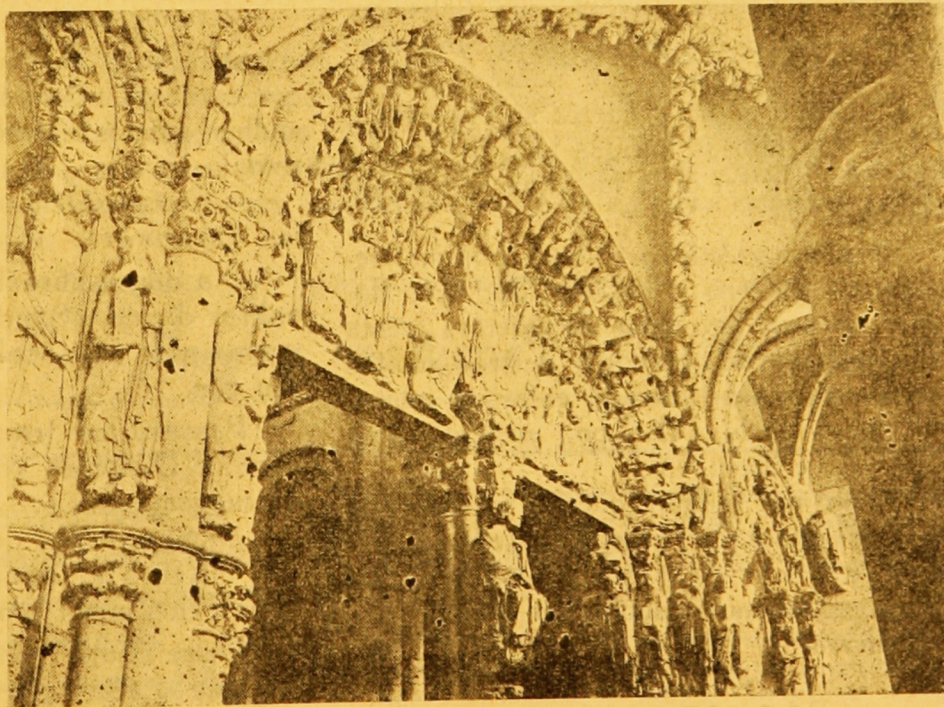
Portico da Gloria, parte inferior

los estudar delidamente os pormenores, e sobretudo, pela observação das partes, avaliar as dimensões do conjunto, dimensões que não se calculem á primeira vista se o edificio fôr bem proporcionado. Assim fizemos com a basilica compostellana. Este templo, que é obra mais notavel do estilo românico primitivo na Hespanha, cuja construcção levou mais de um seculo, pois tendo começado cerca de 1078 terminou apenas em 1211, tem a forma de cruz latina. Tem tres naves, como são tambem tres as do transepto. O seu comprimento é de 94 metros; o transepto tem 63; a altura da nave central é de 24 metros, a da cupula 55. Toda ella é construida em granito.

Como dissemos atraz a fachada nova envolve a primitiva. Demorem-nos na sua contemplação, examinemos esse Portico da Gloria, que é certamente a joia mais preciosa da architectura românica e da esculptura do seculo XI.

As duas photographias que acompanham o artigo darão ideia do seu valor. E' elle constituido por uma porta dupla no cento, ladeada de outras duas. Todas ellas estão adornadas de ricas esculpturas. Cada critico de arte as interpreta a seu modo. Uns querem ver no centro a apparição de Christo S. N. no dia do juizo final, outros quizeram ver n'elle a representação da Gloria, purgatorio e inferno. O snr. Conego Lopes Ferreira, apresentou uma interpretação toda sua, original. Segundo ella o portico do Centro representaria a Egreja Catholica, á esquerda estaria a Egreja dos Judeus, a synagoga, e á direita a dos infleis.

Na columna que divide a porta central está finamente esculpida a arvore genealogica de Christo. Sobre o capitel assenta a estatua de Santiago, obra de notavel valor artistico pelo delicado da execução. O apostolo traz na mão o bordão de peregrino. Ha nesta columna, mais ou menos á altura da mão cinco cavidades, correspondendo aos cinco dedos, abertas pelos peregrinos que imaginavam que as suas orações tinham mais efficacia, quando feitas com a mão collocada nessa cavidade. A' mesma altura do Apostolo estão outras estatuas nos pilares lateraes, representando os profetas: Moysés, Isaias, Daniel, Jeremias etc. Todos os capiteis são figurados. Omittamos a sua descripção para fixarmos a attenção no timpano da porta central. E' elle o diamante desta joia. No centro a figura magestosa de Christo, mostrando as mão, os pés e o lado ferido, figura imponente de perto de 4 metros de altura, cujas roupagens cahem com uma certa severidade e sobriedade quasi hieratica. Em volta de Christo os quatro evangelistas, com os symbolos que os distinguem. Junto da cabeça dois anjos com turibulos. Outros oito anjos, estão de pé na primeira linha, sustentando os emblemas e instrumentos da Paixão; a columna, a cruz, a corõa de espinhos, os cravos, a cana, etc. De cada lado, por cima dos anjos, estão 40 figuras; são os eleitos. No arco estão os 24



O tympano central do Portico

anciãos do Apocalypse, todos sentados e tendo nas mãos algum instrumento musical.

É verdadeiramente admiravel o conjuncto d'esta floresta de estatuas. A expressão do rosto dos anjos, anciãos, profetas, é do que ha de mais natural e variado. O mestre que executou esta obra colossal procurou estudar a natureza e retratá-la sobre a fria pedra. Tudo falla, tudo diz alguma coisa, e cada personagem tem a expressão e gesto que mais lhe convem.

Examinámos mais de tres vezes esta admiravel composição e nunca nos fartamos de a contemplar. Cada vez encontravamos n'ella novas sensações, cada vez descobriamos algum novo pormenor que augmentava o seu encanto.

No pilar central, junto da base, do lado do altarmór ha uma figura curiosa. Diz-se que é a do auctor do Portico, Mestre Matheus, mas o povo chama-lhe o *santo dos croques*; «Es el favorito de los muchachos, que vienen a golpear sus cabeças contra los abultados rizos (madeixas) del *Santo*, para adquirir memoria y talento», diz um auctor moderno.

Os dois arcos lateraes tambem apresentam esculturas de grande valor e deveras curiosas. No da es-

querda apparecem as figuras de Adão e Eva, e de outros personagens do antigo testamento. No da direita ha monstros horriveis que parecem symbolisar os peccados e vicios.

São 135 as figuras humanas que Mestre Matheus soube combinar de modo tão variados e originaes no restricto espaço de que dispunha, e em vinte annos terminou a sua obra prima. Tão apreciada é ella pelos cultores da arte que o governo inglez, não duvidou gastar 2:500 libras esterlinas, para encarregar um artista de fazer uma reproducção, tirada a molde, d'este Portico. Está ella no museu de South Kensington, em Londres.

Muito haveria que dizer das figuras animaes que formam as bases das pilastras e columnas, bem como sobre uns restos de pintura que apresentam as estatuas, que originariamente parece terem sido ligeiramente coloridas.

Mas o leitor está cansado, e nós tambem. A contemplação demorada das obras de arte cansa tanto ou mais que a contençaõ do estudo.

(Continúa)

Agnus.

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

O duque de Lerma



duque de Lerma, um dos maiores estadistas espanhoes, gastava um milhão de cruzados para pagar a habeis espiões que tinha em todas as grandes côrtes europeias. Informado do que secretamente se passava nessas côrtes, quando alguma guerra se preparava, elle com engenhosas intrigas logo desfazia a meada. Ao seu rei dizia justificando o gasto do milhão:

—Senhor, as coisas levadas por mal rebentam em guerras e levadas por bem florescem em paz, um anno de guerras gasta muitos milhões de cruzados, destrõe muitas fazendas de particulares e extingue muitas vidas dos vassallos. E a paz sustenta tudo em pé, são e illeso.

É com um milhão que se gasta cada anno em pitas, compramos este bem tão grande, e nos livramos dos gastos de muitos milhões, e das inquietações que traz consigo a guerra.

Diogenes e o escravo

Diogenes, ao meio dia, acendeu a sua lanterna e percorreu as ruas de Athenas em procura dum homem. Passando junto do

templo da Caridade diz a um sacerdote que estava á porta:

—Por piedade, dae uma esmola ao pobre velho.

O pontifice respondeu-lhe:

—Recebe a minha benção e vae em paz.

O filosofo chega á porta duma loja em que se vendiam enfeites, onde uma elegante mulher estava fazendo compras, e pede-lhe esmola.

—Coitado, tenho dó da tua miseria. Toma, vai comer.

E a dama atira-lhe com uma moeda de cobre, dando seguidamente doze peças de prata por uma colleira bordada para o seu cão.

Passava ao tempo o principe de Salamina, e Diogenes corre a agarrar-se á sua carruagem.

—Imagem dos deozes, socorrei-me!

—Retira-te, farrapilhas, ou te mando castigar pelos meus laçaios.

Disse aborrecido o principe. Um escravo, que o vê em perigo de ser atropellado, desvia-o carinhosamente e lança-lhe no barrete duas moedas de cobre.

—Finalmente achei um homem e esse homem é um escravo!

E apagueu a sua lanterna.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.
EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.
EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*
Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos de guerra ferrestres e marítimos, gréves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia

Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião

9-2.º—Tel. Exp.º C. 2.º 1.º. Tel. da Direcção:

C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sot-

to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Gabriel Maia

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binocolos, cutelari optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua de Ouvidor, n.º 1º3

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^o Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA